



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

Brilho, Cicatriz e Chinelo: estética periférica como linguagem nas infâncias.

Shine, Scar and Slipper: peripheral aesthetics as language in childhood.

Alicia Martins¹

Lavínia Messias²

Lavínia Pires³

Liriel Farias⁴

Eixo Temático: 4- Educação popular, pedagogia social, arte e cultura

Introdução

Este trabalho foi inspirado em uma fotografia⁵ que não consiste apenas em uma imagem, mas sim em um documento vivo: denúncia e celebração. Nela, um menino negro, periférico, aparece com o joelho ferido, chinelo kenner, short esportivo e anéis grandes. Seu corpo carrega a marca do território e seu estilo expressa desejo, criatividade e sobrevivência. A partir dessa cena cotidiana, mas profundamente simbólica, propomos refletir sobre como a estética nas infâncias negras e periféricas opera como linguagem, território e estratégia de existência.

Este resumo é fruto das experiências e reflexões desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Questão Social em Foto”, vinculado à Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O projeto consiste no desenvolvimento de atividades que contenham a fotografia como instrumento pedagógico, contribuindo para a construção de uma

¹ Graduanda em Serviço Social na FSS/UERJ. Bolsista do projeto de extensão “Questão Social em Foto”. Email: aliciamartins2011@gmail.com

² Mestranda em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Serviço Social e Saúde pelo Programa de Residência Uniprofissional da UERJ. Email: lavmessias@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ Graduanda em Serviço Social na FSS/UERJ. Email: laviniapires.uerj@gmail.com

⁴ Graduanda em Serviço Social na FSS/UERJ. Email: lirielsantannafarias@gmail.com

⁵ Optamos por apenas descrever a imagem neste resumo expandido, em razão da limitação de três páginas estabelecida pelo evento. Caso o trabalho seja aprovado, a fotografia será inserida na versão completa do artigo, a fim de aprofundar a análise proposta.



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

educação emancipatória que articule imagem, território e crítica social a partir das expressões da questão social, sendo também um espaço de formação e elaboração coletiva para estudantes de Serviço Social.

Desenvolvimento

Partimos do entendimento de que a estética nas infâncias periféricas não é futilidade, é afirmação. Quando uma criança negra decide brilhar, mesmo com o joelho ralado, ela está dizendo: “eu também estou aqui”. O corpo, nesse contexto, é mapa, arquivo e instrumento político. Como afirma Fanon (2008), o corpo negro é historicamente lido como ameaça, mas pode ser reapropriado como afirmação simbólica e subjetiva. A estética se torna uma forma de “falar” quando tudo o mais tenta silenciar.

Nos territórios periféricos, as infâncias crescem aprendendo que suas roupas, cabelos e acessórios são julgados antes de suas palavras. Por isso, aquilo que é visto como “exagerado” ou “brega” pelos olhares colonizados da cidade formal é, na verdade, um código estético potente. Os anéis metálicos usados por crianças não são só enfeites, são declarações de existência. São símbolos de brilho num mundo que insiste em apagar. Como nos provoca Bell Hooks (2019), a autoimagem das pessoas negras é um campo de disputa, e afirmar-se visualmente é um ato político. Já Grada Kilomba (2019) afirma que o racismo cotidiano se manifesta no corpo, no cabelo, na voz, e por isso é justamente nesses elementos que se pode produzir resistência.

A moda, o funk, os cortes de cabelo riscados e os estilos de vestir misturam réplicas e peças simples, criando uma linguagem visual própria. A réplica, está longe de ser “falsificação”, é adaptação simbólica ao que é negado materialmente. Como lembra Sueli Carneiro (2011), a construção da identidade negra envolve também o direito ao belo e ao cuidado estético.

Enquanto estudantes em constante formação, percebemos que esses gestos estéticos precisam ser escutados pelas políticas públicas e, especialmente, pela escola. Precisamos de projetos educativos que reconheçam a infância periférica como produtora de cultura e não apenas como alvo de intervenções disciplinares. O menino da foto está nos dizendo algo com seu corpo, ele brinca, cai, se fere e ainda assim brilha. Ele não espera autorização para existir com dignidade. Nego Bispo (2021)



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

diz que “o território pensa”, e as infâncias também. Cada joelho ralado é uma linha escrita no chão da cidade, cada brilho no dedo é uma rima contra o abandono. Hélio Oiticica (1986) já afirmava que “a favela é um território estético”, e quando pensamos nas infâncias, é urgente entender que sua linguagem estética é também sua maneira de participar do mundo

Considerações Finais

A cultura, enquanto dimensão da vida social é direito assegurado pela Constituição Federal de 1988, precisa ser compreendida de maneira ampliada, incluindo as expressões cotidianas das infâncias negras e periféricas. Como nos provoca Lucena (2015), o Serviço Social tem potencial para atuar na política de cultura de forma crítica, reconhecendo os corpos e estéticas periféricas como saberes e manifestações legítimas. Assim, a escuta sensível dessas linguagens torna-se também atribuição profissional, na medida em que afirma o direito à cultura como parte da garantia dos direitos sociais e da luta contra as expressões da questão social. Que a política pública, a pedagogia, o Serviço Social e a arte se encontrem na tarefa de proteger essas infâncias que, mesmo diante da omissão do Estado, seguem inventando mundos com o que têm. Porque enquanto houver brilho no dedo, mesmo com o joelho machucado, haverá infância viva, potente, insurgente.

Referências Bibliográficas

- BISPO, Nego. Colonialismo e pensamento afrodiaspórico. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOOKS, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019.
- LUCENA, João Paulo Freitas. O assistente social e a política de cultura: reflexões sobre a inserção do profissional de Serviço Social. [S.l.], 2015.
- OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Organização de Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.